



INFÂNCIA SEM COPA



Condomínio residencial da Praia de Iracema é famoso em Fortaleza por ser o lugar preferido por estrangeiros para fazer festas com garotas de programa.

» SEM CONTROLE

Festa nos flats

Em cidades-sedes da Copa de 2014, pornoturistas estão recorrendo a flats, casas, motéis e apartamentos para fazer orgias com adolescentes

por MAURI KÖNIG
fotos ALBARI ROSA

Como alternativa ao controle da hotelaria, turistas estrangeiros estão recorrendo a casas, flats, motéis e apartamentos em condomínios residenciais para fazer festas movidas a sexo e drogas com michês, adolescentes e prostitutas adultas. Recorrente em Fortaleza, a prática do aluguel de imóveis por temporada é comum também no Rio de Janeiro e em Natal. Na Avenida da Abolição, em Fortaleza, a duas quadras da praia, um flat costuma facilitar as coisas para os hóspedes em busca de sexo fácil, conforme constatou a equipe da *Gazeta do Povo* em dois dias hospedada no lugar.

Neste flat, a Polícia Federal prendeu em 2011 o italiano Francesco Salzano, 38 anos. Procurado pela Interpol, ele era membro da máfia da Camorra. Cinco anos antes, seis italianos haviam sido presos no lugar acusados de exploração sexual, tráfico de drogas e uso de documentos falsos. Eles promoviam festas à noite num dos apartamentos do flat. Numa de-

las, adolescentes foram violentadas. Embora haja portaria com recepcionista, não há controle sobre a idade ou a identidade das acompanhantes dos hóspedes.

A mesma facilidade é encontrada em outros meios alternativos de hospedagem. Conhecido pelos personagens da noite em Fortaleza, o edifício Porto de Iracema se sobressai entre os condomínios residenciais procurados pelos turistas que buscam privacidade para suas festas sexuais. "Ali é uma prostituição só", diz um taxista que já levou muitos passageiros ao condomínio. "Um porteiro me falou que tem noite, alta estadiação, de entrar 150 garotas lá. Numa noite só!", exclama.

Como estão em férias e não veem fiscalização, alguns extrapolam. "Como os gringos fazem muita baderna, já aconteceu de eles fazerem muita orgia na piscina, os moradores começaram a reclamar com a polícia, daí começou a aumentar um pouco a fiscalização", observa o taxista. "Muito raro ter prisão porque geralmente a polícia não pode entrar. No máximo, a polícia pergunta o que aconteceu, aí fica o disse por não me disse."

A maioria dos proprietários é de estrangeiros, que compram apartamentos e alugam por temporada. A maioria é de origem italiana, mas há ainda alemães e noruegueses. "Eles deixam na mão de agenciadores que alugam para outros gringos, o ano todo", explica o taxista. A prática é mais frequente em agosto, dezembro e janeiro. O alu-

guel de curto prazo compensa para os turistas porque os hotéis cobram diária à parte da garota de programa e, ainda que nem todos, a maioria exige comprovação de que não se trata de menor de idade.

Desde os 14 anos, Cauê participa de festas em casas e apartamentos alugados por estrangeiros em Fortaleza. São dias de muita bebida, drogas e sexo. Vários turistas e garotos e garotas de programa compartilham o mesmo ambiente. A última festa foi há dois meses. Motéis de Fortaleza também são usados pelos pornoturistas para burlar o controle dos meios convencionais de hospedagem.

O michê Leonardo tinha 16 anos quando passou uma semana trancado num motel com turistas do Rio de Janeiro. "Fui na segunda-feira, retornei no sábado. Descansei em casa, minha mãe preocupada, querendo conversar. Eu disse que não tinha tempo", relata. Acordou domingo à tarde, dor no corpo, febre alta, espirrando sangue. "Minha gripe parecia incurável, devido ao tempo que passei cheirando cocaína".

No Rio de Janeiro, estrangeiros já chegaram com as informações sobre um bar na orla de Copacabana onde podem encontrar garotas de programa. Por isso, procuram alugar apartamentos por temporada nas imediações. A reportagem seguiu um desses turistas até um edifício residencial a três quadras da orla, acompanhado de uma garota bastante jovem que recrutou nas imediações do bar.



Adolescentes à espera de clientes em flat de Fortaleza.

VÍTIMA EM DOBRO

Exploração sexual nem sempre é vista como crime contra a criança

Que pode dizer o cidadão sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes? De que vértice se posiciona para observar e pensar o problema? Qual o seu lugar frente a temas que convocam o mais extremo e radical da desonra e do desumano? O mais cômodo para cada um — em geral o caminho preferido pela maioria — é dizer não ser a pessoa competente e tampouco mais adequada para explorar o problema, é dizer que não tem nada com isso e se calar. O caminho da prescindência, postulado por alguns e praticado por muitos, implica pensar que o cidadão não tem nada a dizer sobre questões que lhe dizem respeito.

A exploração sexual infantil juvenil escapa aos olhos como crime ou violência, daí a escassez de denúncias. E assim a infância é duplamente vítima, do crime per se e

de uma sociedade que se comporta como um Argos Panoptes cego de 100 olhos. "As denúncias são raras porque as pessoas acham que as meninas estão ali porque querem", diz a conselheira tutelar de Natal Thaysa Rodrigues de Oliveira. A falta de preparo de quem recebe a denúncia, ou falta de compreensão do que seja turismo sexual, também mascara as estatísticas, ainda que não haja quem não saiba ser crime manter relações sexuais com criança e adolescente. Um julgamento precipitado poderia lançar sobre elas uns quantos olhos de preconceito, como se ali estivesse a síntese do descarte humano. Dificulta também o fato de elas não se verem como vítimas, de não se sentirem exploradas. E os argumentos são de uma inocência que tornam mais difícil o trabalho de convencê-las do contrário. "Tia, ele não tá me usando, não. Ele paga, esse panaca", disse uma menina de 14 anos à psicóloga da 2ª Vara da Infância e da Juventude de Recife, Danielle Maria de Souza Sátiro. (MK)

Meninas vivem a ilusão de casar

“Onde tem turista, onde tem gringo, sempre vão as meninas. Porque sempre tem aquela ilusão de que o estrangeiro tem muito dinheiro, aí elas vão na ilusão de ganhar dinheiro”, diz um taxista de Fortaleza acostumado a transportar pornoturistas. Há um forte componente cultural dos dois lados: a menina vê o gringo como uma loteria e o gringo a vê como objeto sexual. Elas, na esperança de serem içadas do fosso de injustiças em que estão metidas, veem nessa furtiva aproximação a possibilidade de uma vida estável. Firmam um compromisso verbal sem garantia de que possam vir a ter algum direito.

Palpita dentro delas o desejo de se dar bem, a hipótese de uma vida melhor. Precoces, começam cedo a compreender o dinheiro como o eixo sobre o qual giram todas as coisas. Quanto mais teriam de esperar para, por outros meios, alcançar a vida igual da televisão? São jovens ainda, e, a depender das vias normais, pouco conseguiriam. Sem contar com o que poderia ser uma boa herança, precisam confiar no que conseguem por conta própria.

Casamento branco

Lua retrata o perfil dessas garotas sonhadoras. Introduzida aos 16 anos pela mãe no turismo sexual de Salvador, cresceu alimentando a ilusão de se casar com um gringo. Mas tem de ser um suíço ou um italiano, diz ela, hoje com 18 anos. “Essas meninas acham que só vão ganhar o reconhecimento se se casar. Mas não pode ser um marido qualquer. Tem de ser um homem branco; se for estrangeiro, melhor”, diz a advogada e especialista em direitos da infância Jalusa Silva de Arruda. Para ela, um reflexo da hipervalorização da pele branca.

Nessa longa espera, como que para destilar a solidão, e na tentativa de assimilar as frustrações, refugiam-se na bebida e outras drogas. O álcool e o crack obliteram a mente, num despiste aos dias lentos, cheios de ansiedade e temor. Vencidas pela inabilidade no trato de questões que poderiam tê-las colocado em melhor posição, seguem desoladas o desenrolar das frases sempre iguais dos clientes, cuja inflexão da voz revela homens já gastos em anos. A transição do tempo se faz lenta, cansativa, mas os dias chegam indiferentes às tragédias particulares, e vão acentuando um sutil traço calculista.

No avançar dos anos, já coradas, desprovidas de ambição, contentam-se com a privação da desgraça sem aspirar à ventura. Acham até que não ser desgraçada é o mesmo que ser venturosa. E, se entre uma coisa e outra há um estado neutro, contentam-se com seu estado, ainda que propenda para a desgraça; contentam-se que não seja desgraça inteira, a sombra da ventura já basta. Basta porque nunca tomaram gosto do contrário, e conservar-se na ignorância da ventura é discreta providência. Consolam-se supondo que não ter merecimento para melhor sorte não é pecado seu, é culpa da natureza avara. (MK)

“Tem noite de entrar 150 garotas lá. Já aconteceu de eles fazerem muita orgia na piscina, os moradores começaram a reclamar com a polícia.”

Taxista habituado a transportar pornoturistas em Fortaleza.



Serviço

O projeto que deu origem a esta reportagem, iniciada ontem e que segue até quinta-feira, foi vencedor da Categoria Temática Especial do 6º Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, realizado pela Andi e Childhood Brasil (Instituto WCF), com apoio do Unicef, da OIT, Fenaj e Abraj.